

# Dinâmica desigual do comércio pesqueiro Brasil/China na exploração do *grude* em Vigia (Pará, Brasil)

Dinámica desigual del comercio pesquero Brasil/China en la  
explotación del *grude* en Vigia (Pará, Brasil)

*Uneven dynamics of Brazil/China fishing trade in the  
exploitation of grouper in Vigia (Pará, Brazil)*

## AUTORES

João Paulo  
Siqueira dos  
Santos\*

[jopasantos2015@  
gmail.com](mailto:jopasantos2015@gmail.com)

Christian Dennys  
Monteiro de  
Oliveira\*\*

[cdennys@gmail.com](mailto:cdennys@gmail.com)

\* Doutor em Geografia  
pela Universidade  
Federal do Ceará  
(UFC, Brasil); professor  
colaborador da  
Universidade do Estado  
do Pará (UEPA, Brasil).

\*\* Professor do  
Departamento  
de Geografia da  
Universidade Federal do  
Ceará (UFC, Brasil).

## RESUMO:

Este trabalho de pesquisa, em formato de ensaio, procura demonstrar e entender, de maneira geral, uma relação comercial entre espaços fornecedores de uma matéria prima *in natura*, na Amazônia brasileira, com países do sudeste asiático, em especial a China. Esse comércio forma uma cadeia de produção relacionada com a pesca de espécies de peixes de alto valor comercial de suas carnes e seus derivados. Esses produtos derivados de algumas espécies de peixes são exportados através de portos e entrepostos, principalmente do estado do Pará (Belém, Bragança e Vigia) com destino a países asiáticos e europeus. Destacamos neste trabalho a bexiga natatória do peixe (popularmente chamado de *grude*), que é extraída, principalmente de espécies de bagres e pescadas, como a gurijuba (*Hexanemichthys parkeri*) e a pescada amarela (*Cynoscionacoupa*). O objeto de análise deste estudo é o município de Vigia, entreposto pesqueiro, que participa da comercialização do *grude*. O resultado da pesquisa apresentado aqui revela um processo marcado pela dependência e fragilidade da produção regional brasileira em relação ao mercado chinês, contrariando as metas de integração e equidade dos países que formam os BRICS.

## RESUMEN:

Este trabajo de investigación, en formato de ensayo, busca demostrar y comprender, en general, la relación comercial entre espacios suministradores de materias primas *in natura* en la Amazonía brasileña, con países del sudeste asiático, especialmente China. Este comercio forma una cadena de producción que relaciona la pesca de especies de peces de alto valor comercial por sus carnes y derivados. Estos productos derivados de algunas especies de pescado se exportan a través de puertos y almacenes, principalmente del estado de Pará (Belém, Bragança y Vigia) a países asiáticos y europeos. Destacamos en este trabajo la vejiga natatoria del pescado (llamada popularmente de *grude*), que se extrae, principalmente de especies de bagre y merluza, como la gurijuba (*Hexanemichthys parkeri*) y la merluza amarilla (*Cynoscionacoupa*). El objeto de análisis en este estudio es el municipio de Vigia, almacén pesquero, que participa de la comercialización del *grude*. El resultado de la investigación pone en evidencia un proceso marcado por la dependencia y fragilidad de la producción regional brasileña con relación al mercado chino, contradiciendo las metas de integración y equidad de los países que componen los BRICS.

---

**ABSTRACT:**

This research work, in an essay format, seeks to demonstrate and to understand, in general, a commercial relationship between spaces that supply raw materials in natura, in the Brazilian Amazon, with countries in Southeast Asia, especially China. This trade forms a production chain related to the fishing of fish species with high commercial value for their meat and meat products. These products derived from some species of fish are exported through ports and warehouses, mainly from the state of Pará (Belém, Bragança and Vigia) to Asian and European countries. We are highlighting here in this work the "Grude" of the fish (popularly called) which is the swimming bladder extracted, mainly from species of catfish and hake, such as *gurijuba* (*Hexanematichthys parkeri*) and yellow hake (*Cynoscionacoupa*). The focus of this study is on the municipality of Vigia, where it stands out as a fishing warehouse and participates in this market highlighted in this research. The result of this description and characterization presented here is to reveal a marked process of the dependence and fragility of Brazilian regional production in relation to the Chinese market, contradicting all the goals of integration and equity of the BRICS component countries.

## 1. Introdução

O presente trabalho procura apresentar a dinâmica da produção pesqueira no município de Vigia, no Nordeste do estado do Pará (Amazônia Oriental), relacionada com a comercialização da bexiga natatória (mais conhecida como grude) de algumas espécies de peixes. A dinâmica de produção e comercialização está influenciada pelos interesses estratégicos no mercado internacional estabelecidos pela República Popular da China. Portanto, trata-se de um processo que articula etapas formais e informais de produção e a busca por fornecedores primários de recursos naturais e costeiros. A pesquisa procura demonstrar através de dados quantitativos e qualitativos uma desigualdade dentro de um circuito de produção entre o Brasil e a China.

A indústria extrativista pesqueira, no circuito internacional de *commodities*, torna-se fundamental para considerar a relação comercial entre o Brasil e a China uma reedição contemporânea das desigualdades combinadas, que subordinam regiões ribeirinhas e costeiras da Amazônia brasileira às políticas internacionais. A intenção neste trabalho é registrar em aspectos preliminares e indutivos um fenômeno que denota o pleno desequilíbrio das relações de intercâmbio entre dois países constituintes do BRICS: essa é “a construção de uma agenda de cooperação multissetorial” dos países economicamente emergentes na década de 2000 (<https://www.gov.br/cade/pt-br/assuntos/internacional/cooperacao-multilateral/grupo-do-brics-1>).

Essa relação comercial é representada pela oferta e demanda do grude, extraído de algumas espécies de peixes da região, que vem sendo explorado progressivamente desde a década de 1970, e exportado a outros mercados nacionais e intercontinentais, notadamente a Ásia Oriental.

Trata-se de duas espécies de peixes, consideradas de melhor aproveitamento como matéria prima para alguns ramos industriais: cervejarias, perfumaria, ligamentos, alimentício etc. O grude da gurijuba (*Hexanemichthys parkeri*) e da pescada amarela (*Cynoscion acoupa*) são as espécies mais valorizadas em termos de comercialização, e possuem destino nos mercados da Europa, Estados Unidos e, especialmente, China. Além dessas duas espécies citadas, os grudes de outras espécies de bagres são comercializados por um preço menor, como é o caso da cambéua (*Ariusgrandicassis*).

## 2. Materiais e métodos

Além de uma pesquisa bibliográfica sobre os sistemas de pesca na região amazônica, envolvendo a temática do “grude” em tela, buscou-se dados em alguns centros de pesquisa pesqueira junto a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA, Brasil) como o trabalho de Mourão (2007), bem como o Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Norte (CEPNOR), vinculado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO, Brasil) do Ministério do Meio Ambiente. A Secretaria da Pesca do Governo Federal, juntamente com outras secretarias regionais ligadas a esse setor, faz o acompanhamento da produção e comercialização do pescado em todo Brasil, fornecendo dados quantitativos e qualitativos a partir de estudos específicos relacionados a pesca. Na Amazônia brasileira há uma atenção específica para a pesca diversificada que existe nessa região com relação a pesca de rio e de alto mar. Recorremos também a reportagens jornalísticas na grande mídia, onde se registram essa dinâmica comercial entre o Brasil e a China com relação ao grude dos peixes citados neste trabalho (<https://projeto colabora.com.br/ods12/grude-movimenta-mercado-milionario-no-brasil-e-leva-chineses-a-amazonia/>).

### PALAVRAS-CHAVE

Paisagem pesqueira; grude; *commodities*; comércio Brasil-China.

### PALABRAS CLAVE

Paisaje pesquero; grude; *commodities*; comercio Brasil-China.

### KEYWORDS

Fishing landscape; sticking; *commodities*; Brazil-China trade.

Recibido:  
31/05/2020

Aceptado:  
27/07/2022

A pesquisa envolveu elementos de um estudo de caso sobre o município de Vigia, segundo maior polo pesqueiro da região norte do Brasil, apresentando-se com um elevado número de embarcações da pesca artesanal de média e grande escala (dados do CEPNOR/Ibama, 2015). A metodologia empregada esteve direcionada a análise de dados ligados a produção pesqueira em municípios da costa do estado do Pará como no trabalho de Mourão (2009), principalmente ao município de Vigia. Foram confeccionados quadros e tabelas a partir da quantificação de alguns dados adquiridos de pesquisas de outros autores, que já trataram sobre a produção pesqueira na região amazônica; assim como das entrevistas com pescadores, comerciantes e empresários de pesca em trabalho de campo em Vigia nos anos de 2017 e 2018. Além do trabalho de Keila Mourão (2007), destacam-se os estudos de Isaac et al. (2009), relacionado com o sistema de avaliação da produção pesqueira no estado do Pará, e os estudos de Manuella Souza (2012), que trata do uso do grude na construção civil.

De forma mais reflexiva, este trabalho procura demonstrar como acontece uma relação de estranhamentos conflituosos entre comunidade local e os agentes da cadeia de produção do “grude”, indo do entreposto pesqueiro ao destino do produto. Tal perspectiva foi adquirida por intermédio do trabalho de campo, na interação e entrevistas com trabalhadores (141 no total), selecionados aleatoriamente, todos envolvidos na base da cadeia produtiva do grude, no recorte municipal dessa importante cidade do circuito pesqueiro e comercial do Nordeste paraense. As informações obtidas demonstraram uma forte desigualdade entre espaços fornecedores de matéria prima e locais de compra na cidade.

Ao criticar os dados quantitativos vinculados ao material visual, em estudos geográficos, Heidrich (2016) destaca que:

O registro de um fato observado limitava-se predominantemente à compreensão de suas feições. Já, as práticas de pesquisa com enfoque qualitativo passam a ser essenciais no campo das humanidades e nas geografias orientadas para os estudos de cultura e sociedade (Heidrich, 2016, p. 16).

A pesquisa qualitativa envolvendo os sentidos e a vivência dos sujeitos, também, deve ser levada em consideração pelas transformações que ocorreram numa escala global, envolvendo os lugares e o mundo através das novas tecnologias (Pessôa; Rückert & Ramires, 2017). Essa percepção através de conversas espontâneas e entrevistas *in locus* contribuíram para revelar a dicotomia entre produção monocultora e exploratória e alta valorização na tecnologia gastronômica internacional.

Nessa etapa do estudo de caso foram realizados três trabalhos de campo entre 2017-2018, na cidade de Vigia, na orla fluvial onde se concentra o maior número de casas comerciais voltadas para a pesca, o porto com as embarcações e as casas aviadoras da pesca (armadores de pesca), além dos sujeitos que fazem parte dessa dinâmica e animam uma paisagem pesqueira da cidade.

As coletas de dados com as entrevistas ocorreram no período de setembro de 2017 a julho de 2018, perfazendo um total de 141 entrevistas, subdivididas entre pescadores da pesca artesanal de grande porte (20), pescadores artesanais de médio porte (20) pescadores da pesca industrial (20), patrões de pesca (10), presidente da colônia de pescadores (1), associações de pescadores (5) comerciantes e atravessadores (15), comunidade local (50 – incluindo profissionais da biologia marítima e bioquímicos que trabalham em Vigia).

Percebemos a partir das entrevistas, que a imagem municipal e regional não se projeta nos lugares de destino do grude, mas nos lugares de início da cadeia produtiva, especialmente em Vigia, pois nos lugares de base da cadeia existem elementos de pesca (embarcações ancoradas, as redes de pesca nas ruas da orla, os comércios voltados para pesca etc.). Isso se constitui em uma paisagem pesqueira e cria um imaginário a respeito do grude, que repercute no cotidiano de grande parte dos sujeitos entrevistados.

Demonstra-se, assim, o funcionamento de um mercado informal, pouco fiscalizado pelos órgãos públicos competentes e, logicamente, excluído de quaisquer possibilidades de alternativa de desenvolvimento local e regional. Como resultado da contribuição em curso, apontamos esquematicamente os pontos que

precisariam ser modificados no processo de produção local e regional para que os impactos socioambientais possam ser mitigados em uma estrutura mais equilibrada das relações internas ao BRICS, nessa área, e não perpetuar a desigualdade estrutural existente.

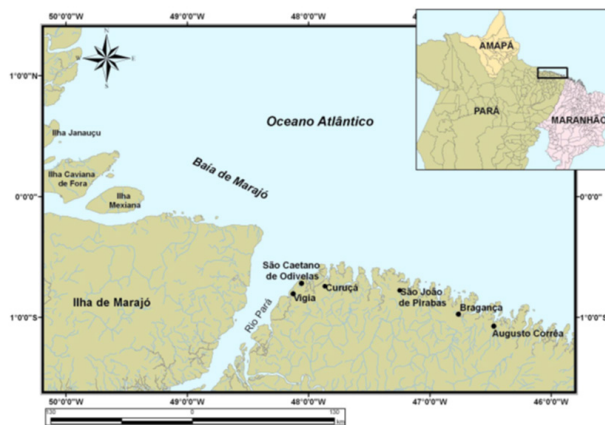
### 3. Desenvolvimento do estudo

Um processo histórico-geográfico, densamente retratado pelos autores que se debruçaram a coletar as raízes da pesca como forma sistemática de ocupação amazônica, torna-se porta de entrada para entendimento da cadeia produtiva do grude, em suas primeiras etapas. Tornou-se um clássico da literatura econômica o estudo de José Veríssimo (1895), retratando a tradições pesqueiras da Amazônia Oriental, incluindo o destaque para a tainha e gurijuba

Tainha e a gurijuba pertencem ainda á grande pesca. A destas espécies faz-se fóra das águas amazônicas, a da gurijuba em pleno mar, a da tainha, na orla marítima das regiões na geographia local denominadas Contracosta, - léste e nordéste da ilha de Marajó - e Salgado - as costas de éste e sudéste, banhadas pelas derradeiras vagas do estuário do rio Pará e pelas do Atlântico, na porção oriental do estado do Pará. E, também, no Tocantins inferior, naquelle mesmo rio Pará e bahias do Sol, de Marajó, da Vigia, de Santo Antônio e outras por elles formadas. A costa chamada da Vigia e a fronteira, a leste de Marajó, entre Soure e o cabo Maguari, são o principal campo das pescarias de tainhas. A gurijuba, semelhante a um grande bagre, de pelle amarellaça, cresce até 1 m a 1, m20. Fornece não só a carne para a alimentação das populações daquela orla marítima, e sub-marítima até a cidade do Parâ, onde encontra igualmente grande consumo, como, principalmente o “grude”, ou colla, de exportação considerável e vantajosa. A é p o c b a da sua pesca é o v e r ã o amazônico, na última quadra do anno, e a “força da pesca”, conforme o frasear dos pescadores, nos mezes de Setembro e Outubro (Veríssimo, 1895, pp. 88-89).

Mais de 100 anos após o registro regional e local, a perspectiva da produção, voltada à exportação entrou na lógica de investigação central dos estudos sobre a globalização da Amazônia (Santos, 2004), com manutenção das estruturas de desigualdade e crescente impacto territorial (Santos, 2010; Vieira & Veríssimo, 2009; Barthem & Fabre, 2009; Baumann, 2009; Taques, 2015). Enfim, um conjunto de fatores que tornaram as cinco potências nacionais emergentes na primeira década do século XXI (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul ou BRICS) a atribuírem um predomínio agroindustrial e de exportação de commodities especialmente a Brasil e África do Sul, que passou a associar ciclo de crescimentos a recordes de exportações primárias (Braga, 2012, p. 85). É neste contexto de expansão, desigual e articulada de novos itens de exportação com velhas formas de precarização da mão de obra - especialmente nas etapas iniciais da atividade extrativista (pesqueira, no caso) - que se desenha a lógica produtiva das áreas portuárias do litoral amazônico.

Os grandes exportadores dessa matéria prima, de origem animal, utilizam os portos de Santana (Amapá, Brasil), Belém (Pará, Brasil) e São Luís (Maranhão, Brasil), pois essas bexigas natatórias, já parcialmente processadas (semimanufaturadas), são obtidas de cidades pesqueiras, pequenas e médias, na costa ribeirinha e litorânea da Amazônia Oriental (mapa 1). O primeiro trecho de significativa incidência do produto aqui tratado se dá em uma distância 606 km ou 327 milhas náuticas entre os portos de Santana e Belém. Mas é no segundo trecho, de Belém a São Luís, em um trecho de 769 km ou 415 milhas náuticas, que se localiza Vigia, cerca de 100 km ao norte da capital Belém.



Mapa 1. Localização regional de Vigia. Fonte: adaptado de Mourão (2007, p. 25).

Essas cidades fazem parte do circuito da pesca artesanal de grande e médio porte nessa faixa atlântica, na qual existe um sistema de aviamento em que a produção do pescado e seus derivados, como o “grude” (ver figura 1) de algumas espécies de peixes, fazem parte. Na literatura acadêmica, essa parte chama-se de *issinglass*, um termo que denota um produto semiacabado, a partir de um derivado do organismo de um peixe e que serve a indústria.

Nessas cidades pesqueiras se financia a produção extrativista com a aquisição do grude, que possui um valor comercial maior do que a carne do peixe. No entanto, os valores podem variar conforme a espécie, o tamanho e densidade do organismo (grude) e de acordo com o destino de consumo, para a indústria como insumos primários ou para a culinária asiática (tabela 1).

Em Vigia e outras cidades da região, como em Bragança e São Caetano de Odivelas, encontramos os atravessadores ou comerciantes que compram a produção do grude de algumas espécies mais valorizadas, com capital próprio, de outros empresários da capital do Pará ou até mesmo direto da China. Eles fazem parte de um circuito econômico no qual inserem, diretamente, os pescadores e donos das embarcações, bem como os financiadores da atividade pesqueira (pequenos, médios e grandes empresários), chamados também de armadores de pesca. Também são parte integrante dessa cadeia outros sujeitos que entram no circuito como trabalhadores avulsos do parco beneficiamento dessa *commodity*, acompanhando a cotação do valor do preço do dólar para a exportação.

No Nordeste paraense, há um conjunto integrado de produção da pesca, de característica bastante complexa, fazendo coexistir diversas unidades encadeadas, denominadas “sistemas de produção pesqueira” (Mourão, 2007). Cada sistema apresenta uma estrutura relativamente homogênea, com características tecnológicas, econômicas, ecológicas e sociais particulares (Isaac *et al.*, 2009). Há, nesse sentido, particularidades com relação ao aspecto tecnológico dos esforços de pesca, e em relação ao aspecto socioeconômico existem similaridades quanto a exploração do pescado e seus derivados. A distinção entre os sistemas de produção está no tempo de deslocamento das embarcações, seu tamanho e na capacidade de armazenamento do pescado. Esse tempo de deslocamento entre o entreposto pesqueiro e os locais de pesca (pesqueiros) vai depender da condição técnica de cada sistema de produção. Entretanto os valores comercializados das carnes dos peixes e de seus derivados seguem a mesma tabela de preços.

O produto é comprado das embarcações por preços mais acessíveis e vai encarecendo de acordo com o seu destino: portos em outras regiões do Brasil, na Europa e na Ásia (Medeiros, 2008). Em Vigia, como observamos por meio das entrevistas realizadas com atores que fazem parte desse circuito, não há um controle de qualidade rigoroso por parte de órgãos governamentais (vigilância Sanitária, Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará, ADEPARA); somente em Belém, antes da exportação do produto, as empresas exportadoras são cobradas nesse sentido.

A respeito do traslado Vigia-Belém, em entrevista concedida em 2018, o Entrevistado C (empresário da pesca) declarou que:

os atravessadores levam a grude em carros particulares direto de Vigia para Belém e hoje tem que pagar escoltas armadas devido muitos assaltos. Bandidos sabem dos valores que a grude tem. Isso vale mais do que ouro e já ocorreram muitos assaltos na estrada. As barreiras policiais não dão conta disso e quando eles sabem que é grude de pescada eles deixam passar se derem alguma coisa pra eles. Outros órgãos que deveriam fiscalizar, não fazem.



Figura 1. Bexiga natatória da pescada amarela. Fonte: imagens cedidas por Edinaldo Duarte ao acervo dos autores (2023).

Tabela 1. Valores e destinação do grude de diferentes peixes

ESPÉCIE	PRINCIPAL DESTINO (PAÍSES)	FINALIDADE / MANUFATURA	VALOR (KL) NAS CIDADES R\$	VALOR (KL) NO DESTINO (EM DÓLARES)
Pescada amarela	China	Alimentos	1.500,00	2.000,00
Gurijuba	Europa, Estados Unidos	Cervejaria, perfumaria, cosméticos, ligamentos	150,00	500,00
Cambéua	Europa, Estados Unidos	Ligamentos	80,00	200,00

Fonte: comércio em Vigia, entrevistas realizadas pelos autores em 2017.

As declarações demonstram como é arriscado transportar grude de pescada amarela num trajeto de 100 km entre Vigia e Belém, assim como a falta de fiscalização sanitária, de fazenda etc., sobre o produto do grude dos peixes. Em parte, essa fragilidade de fiscalização beneficia os atravessadores que acabam não pagando impostos sobre o produto que circula entre o entreposto pesqueiro e o seu destino. Por outro lado, os governos federativos deixam de arrecadar como impostos.

Atualmente, esses valores já foram modificados, pois em 2020 o preço do grude da pescada amarela chegou a ser R\$ 2.000,00 (dois mil reais), da gurijuba, R\$ 500,00 (quinhentos reais) e da cambéua R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais). Desde 2022, a variação do preço, tanto do peixe como dos seus derivados, aumentou em função da inflação brasileira (ver tabela 2) e da cotação do dólar no cenário internacional e de acordo com a moeda brasileira.

Como podemos observar nas tabelas 1 e 2, houve uma variação grande de preços de 2017 a 2019, período de realização dos trabalhos de campo e entrevistas em Vigia. Em 2020, a epidemia do covid-19 que teve início na China (principal comprador dos grudes de Vigia) impactou na comercialização do produto com o fechamento dos portos em Belém, por causa da crise sanitária e as medidas de contenção da expansão do vírus.

Em entrevista concedida, o Empresário A (comprador de grude – atravessador) ressaltou que teve muito produto estocado, uma vez que não podiam exportá-lo para China. Com isso houve a desvalorização da *commodity*, com uma oferta muito grande e sem destino; no caso, uma oferta explosiva para uma procura limitada.

A respeito da variação de valores entre grudes das diferentes espécies citadas aqui, o grude da pescada amarela possui um maior valor no circuito de comercialização. Segundo dados adquiridos em entrevistas com

Tabela 2. Valores e destinação do grude de diferentes peixes (2022-2023)

ESPÉCIE	PRINCIPAL DESTINO (PAÍSES)	FINALIDADE / MANUFATURA	VALOR (KG) NAS CIDADES R\$	VALOR (KG) NO DESTINO (EM DÓLARES)
Pescada amarela	China	Alimentos	2.500,00	2.200,00
Gurijuba	Europa, Estados Unidos	Cervejaria, perfumaria, cosméticos, ligamentos	500,00	800,00
Cambéua	Europa, Estados Unidos	Ligamentos	100,00	300,00

Fonte: entrevista dos autores no Comércio de Vigia em 2023.

biólogos, bioquímicos e outros especialistas, o organismo dessa espécie de peixe possui maior quantidade de colágeno (proteína fibrosa típica dos animais) concentrado na bexiga natatória, e essa proteína é o principal nutriente utilizado na culinária e na indústria de cosméticos. Segundo o Entrevistado B (bioquímico):

A bexiga natatória de outras espécies não é igual à da pescada amarela, pois algumas são menores e outras possuem mais gordura ao invés do colágeno. O grude da dourada não serve porque o peixe não utiliza para flutuar e possui o mínimo de colágeno (entrevista realizada em 2018).

O Entrevistado D, comerciante, nos apresentou uma classificação somente para o grude da pescada amarela, dentro de uma escala que varia o preço do produto em função do seu tamanho e qualidade. Os comerciantes do grude conseguem assimilar a qualidade do produto que compram para revender. E utilizam a seguinte classificação para essa revenda: P = pequena; M = média; G = grande; GG = muito grande; Top = maior tamanho e qualidade.

Em Belém, algumas empresas fazem a higienização e o acabamento (processamento) final do grude para exportação. Alguns municípios, como Vigia e Bragança, possuem empresas que já preparam o produto para a exportação tendo em vista essa fase de acabamento parcial. Entre os entrevistados em Vigia, encontramos um cidadão chinês que veio para o Brasil há oito anos e reside em Vigia há seis anos, e é proprietário de uma empresa de exportação de grude de peixes direto para o seu país de origem. Em Vigia, somente duas empresas possuem documentação legal enquadrada na burocracia governamental para fazer essa exportação direta para China. Outras empresas e atravessadores compram o grude em Vigia e cidades vizinhas, e vendem para empresas em Belém, que faz a exportação para China e demais países asiáticos.

É comum na cidade de Vigia percebermos a presença de casas comerciais, principalmente na orla fluvial da cidade. Essas casas comerciais compram o grude, interligando as dimensões local-global do sistema. A imagem 1 indica o uso do espaço urbano e residencial para divulgar o acesso ao produto e indicar ao visitante que o grude se destaca na rede de comercialização local e regional. A presença de casas compradoras de grudes das embarcações em Vigia marca a paisagem urbana da sede do município.

Por meio das entrevistas e da composição de dados, Coréia do Sul, Japão, Taiwan e China formam o núcleo dos grandes consumidores do grude, como uma iguaria refinada da culinária regional desses países. Segundo um entrevistado “é produzida uma sopa com o grude da pescada amarela, adquirida nas feiras e supermercados em Hong-Kong, custando em média dois mil dólares o quilo” (Entrevistado F, atravessador em viagem realizada a China, em 2014). Além de servir de alimento, o grude também tem outras serventias, como destacado na matéria jornalística (imagem 2). A matéria também faz referência ao conhecimento que o pescador não possui sobre “para que isso serve”, pois para muitos, o produto somente serve “para comerem na China”, como destacou em entrevista um tripulante de uma embarcação em Vigia (junho de 2019).



Imagem 1. Exemplo de divulgação da compra do produto na cidade. Fonte: acervo dos autores em trabalho de campo em 2017.



Imagem 2. Destaque de matéria jornalística. Fonte: acervo dos autores em trabalho de campo em 2017.



Nas entrevistas realizadas em Vigia, perguntamos a alguns entrevistados, que já haviam viajado aos países de destinos do produto, sobre os valores obtidos pela produção mensal ou se possuíam dados estatísticos em toneladas. Obtivemos respostas imprecisas, que demonstravam insegurança e certa inconsistência entre o que era dito e os procedimentos observados em campo. As informações desencontradas denotavam a fragilidade em reconhecer, no processo, uma cadeia sustentável de valorização do trabalho e da matéria prima, em sua dimensão ambiental e social de integração comunitária. Assim, tal desconhecimento ampliado pela insegurança dos produtores indicava para além das dificuldades associativas ou sindicais, uma base facilitadora da baixa remuneração e a reprodução das escalas da exploração pesqueira (Baptista Neto, 2014).

Esse processo exploratório, caracterizado por remuneração e condições precárias, acontece não somente entre os trabalhadores diretamente vinculados à comercialização do grude. Se, de um lado, os órgãos diretamente responsáveis pela regulação e fiscalização do processo produtivo não conseguem proporcionar melhores condições para a comercialização, por outro, o interesse em estudar essa temática ainda é escasso em algumas universidades com programas de graduação e pós-graduação em recursos pesqueiros, biologia aquática, engenharia de pesca etc. A imagem 3 retrata a paisagem de anúncios e a espontaneidade de uma oferta disponibilizada sem qualquer controle de qualidade da produção.

A rede de comercialização tem sido expandida nas representações imagéticas da cidade com rapidez, porém não há destaque quanto à existência de regulamentações que orientem a escalada crescente de produção e comercialização. O site oficial da prefeitura municipal de Vigia (<https://vigia.pa.gov.br/>) não traz informações relacionadas com o comércio do grude. Esse fato se coaduna com a condição “informal” (e ilegal) da produção, embora as imagens como a da Imagem 3 se multipliquem na realidade urbana de Vigia.

Entre os entrevistados capitalizados havia um receio de falar ou mostrar detalhes da produção, pois nos últimos anos vem ocorrendo muitos assaltos, não apenas no trajeto de Vigia para Belém, mas também no interior das empresas e casas aviadoras de pesca na cidade de Vigia. Essa divulgação maior da cadeia produtiva do grude pode atrair mais assaltos, como concluiu um comerciante de grude em Vigia em entrevista em 2018:

Tem muita gente mal caráter por aí e sabem que a grude vale muito. As vezes são pessoas de dentro da família que passam informações pros bandidos ou até mesmo os comerciantes maiores que compram a grude e depois mandam assaltar. Nós não temos como provar, mas desconfiamos disso” (Entrevistado C em 23 de junho de 2018).

Os carros que fazem o trajeto Vigia-Belém já são blindados, além de serem escoltados por sistemas de segurança. Os atravessadores fazem o aviamento (financiamento das despesas) das embarcações de pesca para ter o grude a menor preço, abaixo da tabela. O dono da embarcação repassa o pescado e seus derivados para o atravessador, que financiou as despesas e que encaminhará para outros atravessadores a um valor mais alto até a exportação no porto de Belém.

Vale ressaltar aqui a relação produtiva no interior de um mercado global. Esse mercado é capaz de manter alguns lugares como subservientes a outros grandes centros, em detrimento daqueles que emitem a matéria prima destinada na base da cadeia produtiva, sem alteração qualitativa de seu poder de barganha. Aquilo que é tido como rejeito alimentar do peixe em um lugar (o grude) pode passar a ter outros usos, seja pela indústria de cosméticos, perfumaria, cervejaria, cola para indústria aeroespacial ou até mesmo para a alimentação em lugares asiáticos.



Imagem 3. Rede de comercialização. Fonte: acervo dos autores em trabalho de campo em 2017.

Já existe uma rede dentro da logística que envolve a comercialização do grude da gurijuba, pescada amarela e outros bagres (cambéua). Alguns comerciantes chineses residem em Vigia para facilitar o comércio, comprando o produto no local para enviá-lo até o porto em Belém. Esses comerciantes ficavam antes nas cidades portuárias e atuavam como intermediários dos grupos empresariais da China. Os grandes comerciantes do grude nas cidades pesqueiras citadas aqui são empreendedores bem-sucedidos financeiramente e que possuem contatos com empresas asiáticas interessadas na compra do produto.

Os estudos organizados por Palheta e Nunes (2011) colaboram para a compreensão das transformações da produção de pescados na Amazônia para além das formas tradicionais e de subsistência, e como se subordinam às estratégias empresariais ligadas a expansão chinesa. Toda essa produção, que é realizada inicialmente nos locais de pescas, situados na costa dos estados do Amapá e Pará, chegam nas cidades (entrepostos pesqueiros), e depois partem em direção aos portos das capitais. Como observamos, os locais de início da cadeia produtiva agregam pouco valor à mercadoria, que sai quase *in natura*. Além disso, a atividade deixa poucos recursos em termos de arrecadação de impostos de comercialização nos locais, justamente por não haver uma fiscalização rigorosa e eficiente por partes dos órgãos competentes. Por exemplo, as secretarias da Fazenda não possuem dados estatísticos da produção mensal, pois não possuem uma estimativa da arrecadação da produção do grude dos peixes, já que, como observado em campo, o produto é levado em carro particular até o porto de Belém, saindo de Vigia, sem fiscalização dos órgãos competentes.

O pescador, trabalhador das embarcações, conhece apenas o valor do produto e o destino para o mercado chinês. Desconhece a finalidade e os outros valores que vão sendo acrescentados no encaminhamento do circuito comercial. Muitos pescadores vendem o grude a preços baixos logo ao saírem das embarcações nos portos, embora reconheçam a importância de vender o órgão do peixe para a cadeia de atravessadores das casas de compra de grude em Vigia (imagem 4).

Uma das utilidades mais conhecidas do grude é o consumo alimentar em países como a China e Coreia do Sul. Em grande parte do território desses países, um dos pratos da tradição culinária é uma sopa de grude da pescada amarela. Trata-se aqui de um fator de bloqueio cultural no hábito alimentício no lugar de origem de produção, já que os vigienses e paraenses rejeitam o produto por não haver herança alimentar capaz de absorver tal componente na gastronomia do estado. Ainda assim, outros tipos de grudes, da cambéua e da gurijuba, entram na indústria de ligamento, via demanda de tecnologia aeroespacial, cosmética, como perfumarias (com fixadores das essências), e filtros clareadores para cervejas. O grude também é utilizado na indústria como espumante, emulsificante, dispersante e gelificante (Isaac *et al.*, 2009). Todos esses usos e exploração do grude deveriam ser revistos em quanto à sua sustentabilidade como prática extrativista a médio e longo prazo.

## 4. Resultados

Nas entrevistas aos pescadores, armadores de pesca e comerciantes, quando questionados sobre a finalidade do grude da gurijuba ou da pescada amarela, mostraram um conhecimento frágil ao afirmarem apenas terem ouvido falar a respeito, denotando que suas experiências não contribuíam para o conhecimento mínimo da finalidade do produto. Por outro lado, sabiam informar que muitos compradores eram chineses e sul-coreanos. Alguns entrevistados repetiam sempre que o grude servia para fazer sopa na China, pois essa informação aparecia como unanimidade em um imaginário popular nos municípios onde há ocorrência dessa produção do grude.



Imagem 4. Ênfase no comércio do grude. Fonte: acervo dos autores em trabalho de campo em 2019.

Como destacam Issac *et al.* (2009) a respeito de alguns municípios da costa paraense, entre eles Vigia:

Em todos os municípios, a organização social dos pescadores é precária. A porcentagem de pescadores cadastrados nas colônias e os relatos das ações praticadas pela mesma reforçam a necessidade de se trabalhar intensivamente no processo de organização social desse segmento de produtores (Isaac *et al.*, 2009, p. 508).

Os moradores do município de Vigia - ou os trabalhadores na cadeia produtiva do pescado – conhecem que o grude é algo “bom de venda pois exportá-lo dá muito dinheiro” (Comerciante entrevistado em 2018). Essa representação do valor idealizado no produto promove uma relação de estranhamento quando se começa a perceber como acontece o trajeto de produção desse recurso natural. A sua origem animal e serventia em terras asiáticas envolvem uma sutil restrição de entendimento dos processos, cujo resultado da importância da matéria prima mantém a lógica do menosprezo rentável: o desconhecimento do papel produtivo é um pré-requisito para a subordinação das relações culturais e trabalhistas com baixo valor agregado.

Boa parte da compreensão do processo de produção exploratória da bexiga de peixe advém da permanência de um *circuito inferior da economia* (Santos, 2004), que durante as primeiras décadas dos anos 2000 e 2010 não alterou a esquematização básica que sintetizamos no gráfico da figura 2. Fundamentalmente, trata-se de um esquema extrativista, que amplia o valor da produção e concentra rendimentos, enquanto inviabiliza qualquer forma de retorno, beneficiamento ou alteração da cultura alimentar ou de insumo industrial para os núcleos ribeirinhos e ou litorâneos. O resultado dessa lógica é forçosamente a impossibilidade de se criar outro nicho mais renovado e inclusivo de desenvolvimento social. Esse processo demonstra a continuidade contemporânea de um neocolonialismo da produção pesqueira e da marginalização precarizada dos espaços produtivos, como marcas da desigualdade não modificada em tempos globalizados e direitos trabalhistas acumulados. E permite questionar: o bloco dos países emergentes, formados pelo Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul, teria de fato na China a restauração do velho pacto colonial? Cabe a novas pesquisas, em outras frentes de serviços, comércio e industrialização, analisar essa tendência.

Todo o capital gerado na cadeia produtiva do grude favorece um mercado globalizado para a desigualdade, jamais se traduzindo em um desenvolvimento efetivo das localidades de onde parte o produto primário. A relação maior entre o Brasil e a China, especificamente na Amazônia paraense, deixa resíduos de uma comercialização altamente exploratória e combinada para o esgotamento socioambiental, onde lucram os sujeitos que detêm o capital e submetem uma grande produção com agressão ao meio ambiente aquático da costa amazônica.

## 5. Considerações finais

O comércio do grude dos peixes na relação Vigia-Belém-Exterior se enquadra em um contexto maior de escala mundial. Esse contexto macro se concatena com a relação entre o Brasil e a China, que ainda consegue demonstrar comercializações frágeis no que tange o produto em tela nesta pesquisa. A economia gerada pela produção de grude das espécies comercializadas em Vigia segue uma lógica capitalista de concentração de renda nas mãos dos grandes comerciantes, que detêm as maiores quantias de capitais para o sistema de aviação até a chegada dessa matéria prima nas indústrias.

Destaca-se aqui a fragilidade da inserção de políticas públicas no Brasil voltadas para a comercialização do grude desses peixes. Os trabalhadores do mar

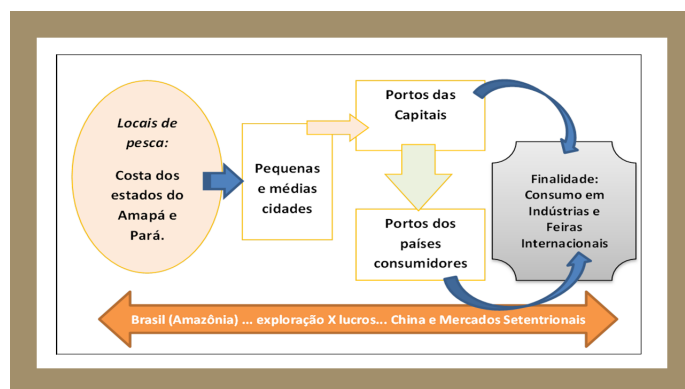


Figura 2. Circuito da cadeia produtiva da grude do peixe. Fonte: elaborado pelos autores.

e da terra, em grande parte, são vilipendiados ou fazem parte de forma ínfima dentro do circuito espacial que as *comodities* proporcionam até os locais de destinos do produto. Toda a produção gera grandes lucros dentro do estado do Pará, se concentra nas mãos de grandes comerciantes do Brasil e do exterior, e o que fica nos locais da base produtiva da matéria prima *in natura* é apenas o resíduo da produção, não se traduzindo em desenvolvimento socioespacial, uma vez que grande parte da própria sociedade local desconhece as potencialidades do grude em seus destinos em outras regiões do planeta.

Muitas pesquisas vêm sendo realizadas em algumas universidades do Brasil, onde há cursos de Biologia, Engenharias de pesca. Essas pesquisas buscam avaliar melhor e reduzir as contradições e formas de exploração do grude na região. Por um lado, a geração de ocupações (empregos, subempregos, atividades temporariamente remuneradas etc.) promove o enquadramento da produção pesqueira na rede de comércio internacional, por outro, o grude de Vigia e região conserva uma ilegalidade social e ambiental incapaz de retirar da marginalidade geográfica essa produção e os trabalhadores envolvidos. Cabe a título de ilustração, registrar como a fala do pescador tem exata clareza das amarras que impedem a transformação - a curto ou médio prazo - dessa marginalidade, com os derivados da matéria-prima, e que até agora não conseguiu fortalecer os lugares por onde sai essa produção.

Atualmente, os órgãos de governo ligados a exportação de *comodities* não atuam sobre essa cadeia produtiva no que se refere à comercialização do grude, seu preço alto no mercado internacional e a pressão ambiental que a produção provoca na fauna marinha no norte do Brasil. As políticas públicas de preservação e defesa dessas espécies ainda provocam polêmicas entre os donos embarcações e a sociedade local.

Embora a pesquisa tenha se realizado entre 2017-2018, observamos que durante a pandemia de covid-19, em 2020, houve o fechamento do comércio entre o Brasil e a China com relação à exportação do grude. Muitos produtores do “issinglass” não conseguiram mais vender o produto, que acabou sendo estocado por falta de compradores do exterior. O resultado foi a diminuição do seu valor de comercialização.

Finalmente, destacamos que a temática ainda carece de mais pesquisas, especialmente, a respeito da relação comercial entre a Amazônia brasileira e países do exterior, principalmente, os países do Sudeste asiático, Estados Unidos e Europa. No meio dessa cadeia produtiva existe uma sociedade que se relaciona, vivencia e produz uma percepção a respeito do fenômeno em tela. Em Vigia, apontamos para a necessidade de projetos de pesquisa na área de educação, pois o ensino local precisa dialogar de forma interdisciplinar sobre a relação local-global que acontece na Amazônia Oriental, para além da paisagem pesqueira com as placas de “compra-se grudes” ou de comércios voltados para a pesca.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baptista Neto, J. A. (21 de julho de 2014). *O Brasil, os demais BRICS e a agenda do setor privado*. Câmara de Comércio exterior, s/n.
- Barthem, R. B., & Fabre, N. N. (2004). Biologia e Diversidade dos recursos pesqueiros da Amazônia. In M. L. A Ruffino. *Pesca e os Recursos Pesqueiros na Amazônia Brasileira* (pp. 17-65). Manaus: Ibama/ Pro-Várzea.
- Baumann, R. (2009). *El comercio entre los países BRICS*. Cepal, Lc/Brs/R.210.
- Braga, K. G. (2012). *Inovação e subdesenvolvimento: o papel do governo e a contribuição do mercado interno*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Heidrich, A. L. (2016). Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In A. L. Heidrich, & C. L. Z. Pires (Orgs.). *Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura* (pp. 15-33). Porto Alegre: Editora Letra1.
- Isaac, V. J., Espírito-Santo, R.V. do., Silva, B. B., Frédou, F. L., Mourão, R. M., & Frédou, T. (2009). An interdisciplinary evaluation of the fishery production systems off the Para state, Brazil. *Journal of Applied Ichthyology*, 25(3), 244-255.
- Medeiros, A. C. (2008). Notas sobre o desenvolvimento econômico recente na China. Instituto de Estudos Avançados, São Paulo, USP.
- Mourão, K. R. (2007). *Sistema de produção pesqueira da pescada amarela - Cynoscion Acoupa Lacèpede (1802): um estudo de caso no litoral nordeste do Pará – Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, PA, Brasil.
- Palheta, J. M., & Silva, C. N. da (2011). *Pesca e territorialidades: contribuições para análise espacial da atividade pesqueira*. Belém: GAPTA/UFPA.
- Pessôa, V. L. S., Rückert, A. A., & Ramires, J. C. de L. (2017). *Pesquisa qualitativa: aplicações em Geografia*. Porto Alegre: Imprensa Livre.
- Santos, L. B. (2010). Papel do Bric na Economia mundial. *Mercator*, 9(19).
- Santos, M. (2004 [1979]). *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp.
- Souza, M. A. de (2012). *Adição do grude da gurijuba nas argamassas de cal: investigação histórica e científica*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, BA, Brasil.
- Taques, F.H., Cavalcante, H. H., & Monteiro, M. B. (2015). Fluxo de comércio entre o Brasil e os demais Países dos BRICS. *Revista Economia e Desenvolvimento*, 14(2), 260-280.
- Veríssimo, J. (1985). *A pesca na Amazônia: série José Veríssimo*. Monografias Brasileiras. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C. Recuperado em 25 de junho de 2022, de <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3162>.
- Vieira, F. V., & Veríssimo, M. P. (2009). Crescimento econômico em economias emergentes selecionadas: Brasil, Rússia, Índica, China (Bric) e África do Sul. *Economia e Sociedade*, 18(3), 513-546.